

# Sistemas de crenças e o futuro: A antecipação de coisas por vir

Gina Philogene (Sarah Lawrence College, Estados Unidos, philogene@att.net)

PHILOGENE, Gina. Sistemas de crenças e o futuro: A antecipação de coisas por vir. Tradução de Claudia Helena Azevedo Alvarenga. **Psychologie & Société** - Représentations et croyances, France, vol. 5, p. 111-120, dez. 2002. Título original: Systems of beliefs and the future: the anticipation of things to come. Tradução não publicada.

Tradução: Claudia Helena Azevedo Alvarenga (para leitura no Mestrado em Educação – UNESA, na disciplina: “Aspectos Psicossociais dos Processos Educativos” - 2º semestre de 2010)

## RESUMO:

Preocupações com o futuro sempre foram importantes para todos nós, e têm sido de um modo realmente inquietante, uma vez que não podemos controlá-lo. Pode ser considerado como uma das preocupações mais obsessivas do nosso tempo. O futuro é assustador porque é desconhecido, portanto, inevitavelmente incerto, embora também saibamos que tudo que fazemos hoje afete nosso futuro. Uma vez que não sabemos *a priori* que ações agora terão que efeitos mais tarde, sentimos essa incerteza intensamente. Ela dirige nossa mente (pensamento/consciência). Este *paper* explora os mecanismos pelos quais projetamos o futuro por meio da construção de antecipações partilhadas coletivamente para enfrentar o medo da mudança e lidar com a ansiedade da incerteza.

**PALAVRAS-CHAVE:** antecipação, representações antecipatórias, expectativa, futuro e incerteza.

## CRENÇAS COMO FILTROS COGNITIVOS

A teoria das representações sociais serve particularmente bem para capturar um mundo em mudança e as adaptações das pessoas a isto. Isto ocorre tanto em termos de sua construção teórica inovadora quanto com sua análise empírica multifacetada. Quando recorremos a esta teoria dinamicamente para transformações que ocorrem na sociedade, é possível olhar para as novas representações sociais como mecanismos para a formação de crenças. Novas representações sempre enquanto um produto de crenças circulando na

sociedade, chacoalha o sistema de crenças existentes e neste processo abre possibilidades para repensar um objeto social.

Uma crença se refere a uma ideia ou a uma hipótese sustentada por um grupo cultural como base para um julgamento que carrega uma aceitação de algo como verdadeiro mesmo na ausência de prova. São as convicções mentais que temos sobre os seres humanos, suas relações com as suas sociedades, assim como os objetos sociais ou fenômenos que são reificados coletivamente. Nossas crenças são construções sociais, aceitadas como verdade, não baseadas em evidências objetivas mas, em vez disso, adquiridas por meio de acordos sociais (Gilovich, 1991). A distinção entre crença e conhecimento se situa precisamente no fato de que as crenças não podem ser necessariamente demonstradas por evidência empírica. Crenças podem ser criadas com base na tradição, experiência, fé, pesquisa científica ou alguma combinação entre tudo isso. Elas desempenham um papel crucial na medida em que dão significado ao descrever algum aspecto da nossa realidade social (Merton, 1968).

Crenças estruturam nossa experiência cotidiana, filtrando cognitivamente as informações de modo que os dados obtidos façam sentido. Além do que, crenças culturais transparecem no modo como interpretamos o comportamento de outras pessoas, assim como nas maneiras como reagimos a estes. Nós internalizamos uma quantidade de crenças que juntas formam uma crosta cognitiva que permeia nosso pensamento. O poder das crenças reside precisamente na nossa falta de percepção generalizada das crenças como tais. Apesar das advertências pós-modernas de que são realmente infundadas, as crenças continuam a sustentar sua onipresença em nossa mente (pensamento) coletiva (Zizek, 2001).

Crenças, aglomeradas em conjunto para originar seus sistemas ideológicos agregados, justificam e legitimam ou o *status quo* ou os movimentos para modificá-lo. Frequentemente, enquanto uma barreira para a mudança, crenças também desempenham um papel crucial em processos de mudança como as expressões do querer de um grupo em alterar suas circunstâncias. É este o aspecto das crenças, sua função como vetores de mudança, que disparam a mobilização dos indivíduos como agentes sociais comprometidos na transformação ativa dos seus mundos.

Processos de mudança inevitavelmente envolvem preocupação com o futuro. Quando analisamos crenças como vetores de mudança social, somos 'tomados' no processo por sua função multifacetada. Fundamentados na noção de Weber de *Vorstellungen*<sup>1</sup> significando tanto "antecipações" como "imaginações", nós devemos reconhecer que os humanos utilizam as crenças para imaginar o possível (em outras palavras, o que poderia ser - *could be*), acessar o provável (em outras palavras, o que seria - *would be*), e decidir sobre o

---

<sup>1</sup> *Vorstellungen*, plural de *Vorstellung*, pode significar ideias, noções, também apresentações e representações teatrais; o verbo *vorstellen* pode significar pôr (mais) à frente, apresentar, fazer observar, imaginar (consulta ao Dicionário *Langenscheidts*). A palavra é composta de *vor* (antes/diante de) e *stellen* (pôr, colocar, propor, trazer, apresentar) - nota da tradutora.

que é preferível (em outras palavras, o que deveria ser - *should be*) (Weber, 1925-1976).

## A OCUPAÇÃO DO FUTURO

Preocupações com o futuro sempre foram importantes para todos nós, e têm sido de um modo realmente inquietante, uma vez que não podemos controlá-lo (Clarke, 1979). Pode ser considerado como uma das preocupações mais obsessivas do nosso tempo. O futuro é assustador, porque é desconhecido, portanto, inevitavelmente incerto, embora também saibamos que tudo que fazemos hoje afete nosso futuro. Uma vez que não sabemos *a priori* que ações agora terão que efeitos mais tarde, sentimos essa incerteza intensamente. Ela dirige nossa mente (pensamento?/consciência?) (Schutz, 1957).

Tentamos lidar com este desafio ganhando algum tipo de controle sobre o futuro (Stacey, 1992). Este não é apenas um processo individual, mas uma atividade fundamentalmente social. Dependemos um do outro nos ajustes multifacetados para mudar. Em períodos de modificação excepcionalmente rápidas, muito se depende da nossa capacidade de prever ou intuir a direção para a qual o mundo está se movimentando. O que fazemos em grupo tanto quanto individualmente impacta o ajustamento, propriamente dito, assim como os possíveis resultados. Assim, projetamos o futuro por meio da construção de antecipações partilhadas coletivamente que estejam à altura do medo da mudança e para lidar com a ansiedade da incerteza. Com este propósito, inventamos a física, a religião, e predominando mais recentemente a insegurança, e o controle genético como mecanismos para cobrir essas dificuldades.

Atualmente um negócio gigantesco, o desenvolvimento dos sistemas de crenças para projeções do futuro sempre dirigiu/manipulou os indivíduos tanto quanto os grupos. No processo de projetar o futuro, nós guiamos nosso pensamento e conhecimento com o objetivo de organizar o presente - desde o medo da morte ao do mercado volátil. Estas projeções desempenham funções primordiais na motivação das nossas ações e pensamentos (Loftus, 1999).

Nas duas últimas décadas, a psicologia esteve menos interessada no futuro e mais preocupada com o passado. Esta preferência diminuiu, dentro de nossa disciplina, o desenvolvimento de uma compreensão de como as projeções sobre o futuro manipulam/guam o presente. Para o filósofo Lieb (1991), o futuro dos indivíduos torna-se reificado quando, ao tornar-se presente, concretiza-se em o que acabou de acontecer. Similarmente Kurt Lewin (1941, p. 49) escreveu:

O espaço de vida de um indivíduo, longe de ser limitado ao que ele considera a situação presente, inclui o futuro, o presente e também o passado. Ações, emoções e, certamente, a moral de um indivíduo em algum momento, dependem de sua perspectiva do tempo total.

Sociedades industriais contemporâneas cresceram obcecadas enormemente pelo futuro. Nosso interesse em coisas por vir fez do negócio da

predição/previsão, uma atividade comercial primordial, como visto pela atenção dada à futurologia e estudos sobre o futuro, previsão do tempo, modelos econométricos, análise das tendências do mercado financeiro, horóscopos, física e especulações/riscos/apostas em jogos de azar. Estamos propensos a agir diante da incerteza radical e preparar o melhor que podemos para as vicissitudes do ainda desconhecido. Por que esse interesse humano inato no futuro se desenvolveu em uma obsessão, está relacionado com o crescente alcance e a velocidade das inovações tecnológicas.

## ANTECIPAÇÃO E EXPECTATIVA

Qualquer esforço em expandir a perspectiva de tempo nos estudos psicológicos, incluindo considerações sobre o futuro nos estudos de processos cognitivos ironicamente encontrará um interessante ponto de início no behaviorismo skinneriano (Skinner, 1956; Ferster Skinner, 1957). Skinner é considerado o mais importante behaviorista de todos os tempos e certamente um dos mais famosos psicólogos (norte)-americanos. Seguindo a pista da frequência cumulativa com a qual o animal respondia, Skinner mostrou como a taxa de resposta do animal era uma função dos horários/programas diferentes de reforço. Mais especificamente, ele demonstrou que um animal treinado para responder a um estímulo específico por meio de reforço irá aumentar a probabilidade da ocorrência futura de tal comportamento. Coincidentemente, é na alteração do horário/programação do reforço que Skinner torna um animal expectante em um que não mais tem controle de quando esperar reforço e cuja ansiedade correspondente sobre essa incerteza levaria a um comportamento ainda mais comprometido.

Essa descoberta implica na distinção entre expectativa e antecipação, paralelamente a distinção etimológica em francês entre “le futur”, indicando o sendo (estando?) do futuro e “l’avenir”, focando no vindo do futuro como um evento (Rabaté, 2001). Uma expectativa é uma coleção de conhecimentos sobre coisas por vir que é predeterminada no sentido que faz fronteira com uma predição de enredos, como se o futuro pudesse ser conhecido com base nas probabilidades. Antecipação, por outro lado, é, fundamentalmente, uma elaboração coletiva do que pode ou não acontecer, tendo como seu núcleo nossa percepção de que o futuro é realmente desconhecido.

O dicionário *Webster's New World* define o verbo “expectar” como esperar/procurar o plausível de acontecer; esperar/procurar pelo que é de direito, próprio ou necessário; supor/considerar como possibilidade/acreditar; antecipar com razão ou justificativa. Delineando uma distinção qualitativa entre esses dois termos que, por outro lado, parecem muito similares no significado, as definições do *Webster* para o verbo “antecipar” são antever e realizar adiantadamente; usar ou aproveitar adiantadamente; estar à frente de; prevenir com ação em adiantamento.

Essa distinção qualitativa entre expectativa e antecipação é também visível em nossa linguagem cotidiana, considerando a presença paralela destas duas

palavras em nosso vocabulário. É claro para mim que nós 'esperamos' (expectamos) obediência, enquanto antecipá-la implicaria menos poder à autoridade e, assim, enfraquece seu próprio significado. Ou 'esperamos' uma criança ao antecipar o nascimento. Antecipamos a morte, mas 'esperamos' morrer algum dia.

Realmente estas duas palavras incorporam dois diferentes sistemas de crenças em que o futuro está previsto. A formação de expectativas é uma tentativa de operacionalizar o futuro inerentemente desconhecido em enredos calculáveis como se a incerteza pudesse ser substituída pelo risco (por exemplo, estudos populacionais, previsão do tempo, análise de estoques de mercados) (Rescher, 1998). Antecipação aceita os limites deste exercício de transformação e, em vez disso, tenta ajudar os indivíduos tanto quanto os grupos em estarem à altura de todas as eventualidades, mesmo aquelas que não poderiam ter sido imaginadas adiantadamente. Essa distinção entre os dois torna-se especialmente relevante em épocas de mudança qualitativa de tal importância que não sabemos onde iremos parar. Tudo que sabemos ao certo face a tal mudança transformacional é que normas e regras velhas não se sustentam por muito tempo. Porque estamos no meio de um período precisamente de tal mudança hoje em dia, impulsionado por uma revolução tecnológica, tornamo-nos mais ocupados do que nunca com conhecer, entender e dominar o futuro (Slaughter, 1999).

## REPRESENTAÇÕES ANTECIPATÓRIAS

De que maneira as pessoas antecipam o desconhecido e tentam tornar suas antecipações em expectativas controláveis deveria ser de grande interesse para os psicólogos sociais porque criar mudanças e se ajustar a estas são atividades humanas fundamentais que moldam, em grande parte, nossas interações. A este respeito podemos argumentar que a teoria das representações sociais tem uma abordagem particularmente útil uma vez que seu foco na maneira como as pessoas constroem coletivamente o mundo ao seu redor serve para novas análises dos processos de mudança. Quando falamos de mudança, falamos de dois fenômenos: novidade e uma preocupação com o futuro. Mudanças sempre fazem emergir algo novo com o qual temos que nos acostumar e, no processo de familiarização com o novo objeto social, criamos representações sociais. Porém, as mudanças também direcionam nossa atenção para o futuro e nos fornece uma orientação de um olhar mais adiante para antecipar coisas por vir, o curso/rumo da mudança.

Saindo do interesse principal sobre estabilidade e *status quo*, a teoria das representações sociais nos ajuda a entender como as pessoas convivem com o novo e lutam por estar à altura do futuro (Deaux & Philogene, 2001). Lidar com algo novo não pode ser um processo isolado individualmente, uma vez que precisamos dos outros para validar nossa realidade e somente chegamos a um acordo sobre algo desconhecido, quando juntos. Se estamos sozinhos, não temos pontos de referência. Quando tentamos incorporar o novo e, então, ajustando-

nos às mudanças, os indivíduos têm que pensar prospectivamente no futuro. Devem ir adiante, ponderando além das circunstâncias reais e considerar rumos alternativos de ação, soluções novas para combater. A este respeito devem considerar os outros e perceber sua interdependência. Em outras palavras, formam uma coletividade que são validadas e sustentadas por nossas representações sociais em volta nas quais organizamos nosso consenso assim como nossas divergências. As escolhas que fazemos, que vêm a determinar nossas ações sociais, dependem das representações sociais que partilhamos. Essas são as forças diretrizes que nos leva através dos processos de mudança na nossa sociedade. Elas impõem uma estrutura no nosso mundo social, suprindo-nos com algumas bases coletivas de uma interpretação consensual dos objetos sociais, direcionando nossos pensamentos na direção de enredos possíveis que correspondam aos nossos interesses imediatos e orientem nossa sequência de ações.

É importante estudar a formação das representações sociais porque aqui vemos novos conhecimentos sendo criados e validados. As origens das representações sociais, especialmente em resposta às mudanças sociais, proporcionam uma mina de ouro de caráter empírico para observações sobre nossos (re)pensamentos/reflexões comunicados(as) e nossas ações interdependentes. É claro que, apenas estudando a gênese de uma representação social, você será empurrado para o passado, porque desse ponto de vista queremos saber como chegamos àquele ponto, o que estava lá no passado que conduziu à re-presentação que estamos prestes a empreender. Precisamos estudar a formação de uma nova representação social também como um processo e, nesse sentido, delinear/imaginar como as pessoas dão forma/talham/modelam às representações sociais. Este ponto de vista nos desloca inevitavelmente para o futuro.

Max Weber já reconhecia em 1925 que as pessoas nas suas interações antecipam resultados, imaginam enredos futuros e projetam estruturas normativas do que é, poderia ser e deveria ou não ser válido. Na noção weberiana de *Vorstellungen*, representações sociais são vetores importantes de inovação em processos de mudança e transformação guiando a evolução da sociedade. Já que as representações sociais desempenham uma função central nos processos de mudança, todas elas possuem tal qualidade de antecipação. Como elas afetam as mudanças, elas necessariamente orientam nossas ações na direção do futuro e dá aos nossos pensamentos um caráter de um olhar mais à frente. Essas projeções podem ser intensamente conflitantes ou divergentes. Mas sua base nas representações elaboradas coletivamente de objetos socialmente relevantes dá às ações sociais dos indivíduos uma certa coesão.

Esta fundamentação ocorre na extensão em que nossas ações e projeções seguem certos pressupostos, um conjunto de inferências pragmáticas que partilhamos automaticamente (Moscovici, 1994). Na modelagem e remodelagem da realidade, estes pressupostos reforçam nossos entrelaçamentos por meio de suas forças prescritivas que impulsionam os indivíduos a ajustarem o que pensam sobre um objeto e como agem na direção dele. À medida em que os

indivíduos fazem estes ajustes, eles procuram uma comunhão em torno do novo fenômeno e também antecipam as ações dos outros para dirigir suas próprias decisões. Mudanças na condição de vida de uma determinada sociedade frequentemente resultam em um ajustamento das interpretações coletivas dos objetos sociais e, como tal, estes objetos sociais são definidos ou redefinidos. Tal processo re-constitui a coletividade e dá sentido ao mundo (Philogene, 1999).

Na formação das novas representações sociais instigadas por mudança, encontramos representações antecipatórias. Este tipo de representação social vai além desta qualidade antecipatória comum a todas as representações sociais, visto que é sobre coisas por vir e, por isso, dominadas por uma qualidade de um olhar à frente. Representações antecipatórias são interessantes por duas razões. Primeiro, porque envolvem novas representações sociais em seu fazer cuja elucidação nos diz muito sobre como sociedades, em momentos específicos da sua história, estão repensando e refazendo a vida social de seus cidadãos. Segundo, porque tais representações antecipatórias são construídas em torno do futuro - uma dimensão do tempo cuja a natureza incerta do "ainda por vir" deixa-nos investir todos os nossos medos e esperanças de modo que é muito menos restrito do que as memórias do passado ou o domínio do presente.

Representações antecipatórias surgem em nosso meio quando novas circunstâncias nos forçam, como um grupo ou uma comunidade, a repensar o presente e imaginar o futuro como parte de um ajustamento a uma realidade em mudança. Estas representações, essenciais aos processos de mudança e inovação, são um catalisador dos esforços coletivos para a projeção conjunta do futuro. Por esta razão, são um objeto particularmente desafiante e interessante para análise porque elas realçam as qualidades dinâmicas e a força normativa de tal esforço coletivo que visa mudar nossa realidade.

O conceito de representações antecipatórias nos torna capazes de detalhar as crenças inerentes impostas no exercício de predizer o futuro, dessa maneira, empurrando-nos, além do desenvolvimento de métodos puramente quantitativos que racionalmente prevejam o futuro, para os métodos qualitativos. A consciência de que o futuro não pode ser conhecido com absoluta certeza, e portanto, impõe possibilidades infinitas que marcam antecipações como uma maneira de pensar, guiando nossas crenças e ações, faz a sua administração ainda mais precária. Na sociedade moderna, portanto, tentamos sair da contemplação das possibilidades para o acesso às probabilidades. Esta reestruturação sutil da antecipação em expectativa por meio de representações antecipatórias nos torna capazes de governar o futuro mais efetivamente, ao guiar nossas decisões de hoje que prescrevem resultados específicos no futuro (Dawes, 1988).

## BIBLIOGRAFIA

- CLARKE, I.F. 1979. *The Pattern of Expectation, 1644-2001*, New York, Basic Books.
- DAWES, R.M. 1988. *Rational Choice in an Uncertain World*, San Diego, Harcourt-Brace-Jovanovich.
- DEAUX, K. ; PHILOGENE, G. (Eds.) 2001. *The Representations of the Social : Bridging Theoretical Perspectives*, New York, Basil Blackwell.
- FERSTER, C.S. ; SKINNER, B.F. 1957. *Schedules of Reinforcement*, New York, Appleton-Century-Crofts.
- GILOVICH, T. 1991. *How We Know What Isn't So : The Fallibility of Human Reason in Everyday Life*, New York, Free Press.
- LEWIN, K. 1941. « Time perspective and morale », in G. Watson (Ed.), *Civilian Morale*, New York, Houghton Mifflin Co., 48-70.
- LIEB, I.C. 1991. *Past, Present, and Future : A Philosophical Essay About Time*, Chicago, University of Illinois Press.
- LOFTUS, E. 1999. « Future.com », *APS Observer*, May-June.
- MERTON, R. 1968. *Social Theory and Social Structure*, New York, Free Press.
- MOSCOVICI, S. 1994. « Social representations and pragmatic communication », *Social Science Information*, 33, 163-177.
- PHILOGENE, G. 1999. *From Black to African American : A New Social Representation*, Westport, CT, Greenwood-Praeger
- RABATÉ, J.-M. 2001. « The "Mujic of the Footure" : Future, ancient, fugitive », in R. Rand (Ed.), *Futures of Jacques Derrida*, Stanford, Stanford University Press, 179-200.
- RESCHER, N. 1998. *Predicting the Future : An Introduction to the Theory of Forecasting*, Stony Brook, SUNY Press.
- SCHUTZ, A. 1957. « Tiresias, or our knowledge of future events », *Journal of Social Research*.
- SKINNER, B.F. 1956. « A case study in scientific method », *American Psychologist*, 11, 221-233.
- SLAUGHTER, R. 1999. *Futures for the Third Millennium : Enabling the Forward View*, Prospect Media.
- STACEY, R. 1992. *Managing the Unknowable*, San Francisco, Jossey-Bass.
- WEBER, M. 1925. « Grundriss der Sozialökonomik », Reprinted as *Wirtschaft und Gesellschaft*, Tübingen, Winckelmann, 5th edition, 1976.
- ZIZEK, S. 2001. *On Belief*, London, Routledge.